

Em busca da saída

Se o governo não oferece alternativas, o PMDB quer encontrá-las. Discretamente.

Senadores e deputados-constituintes do PMDB estão mantendo contato permanente com o governo, desde o início do ano, procurando, principalmente, restabelecer relações entre autoridades da área econômica que nem se conversam, e discutir propostas alternativas à solução da crise que se agrava a cada dia.

Os constituintes do PMDB acham um absurdo, por exemplo, o fato de o ministro Dílson Funaro não conversar com o presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, há quatro meses. "Se a equipe econômico-financeiro não consegue atuar em harmonia" — disse um dos parlamentares — "não há como o governo imprimir coerência à sua política econômica".

Os constituintes do PMDB que estão discutindo o quadro sócio-econômico entre eles e com as autoridades do Executivo — principalmente Dílson Funaro e João Sayad — agem discretamente. Nem sempre se reúnem em Brasília. Já organizaram conversas em São Paulo e no Rio, procurando alternativas para superar a crise. O ministro Almir Pazzianotto é considerado "o mais difícil".

Apesar da discrição, os mais atuantes são José Richa, Mário Covas, Severo Gomes, Wilson Martins, Gerson Camata, Paulo Macarini, Euclides Scalco, Fernando Gasparian, Pimenta da Veiga, entre outros. Alguns deles comentaram que o governo, apesar da insistência, ainda não apresentou alternativas.

Por isso mesmo eles poderão inverter o quadro, apresentando alternativas ao governo. Os estudos já foram solicitados a alguns economistas, entre os quais, Dércio Munhoz, da Universidade de Brasília.

Os deputados e senadores do PMDB — vários deles ex-governadores de experiência administrativa —, ficaram muito irritados com a recente declaração do senador Affonso Camargo (PR), apresentando um ultimatum ao governo: "Ou o governo cumpre o programa do PMDB ou o PMDB rompe com o governo".

Sem rompimento

Anteontem, à noite, após audiência com o presidente Sarney, o senador-constituente José Richa fez questão de esclarecer que o rompimento com o governo não está nos planos de ninguém. Richa — citado na entrevista de Camargo como partidário do ultimatum — disse que o PMDB está ciente de sua responsabilidade como o maior partido de suporte político ao governo Sarney.

"Não podemos pensar em rompimento, mas em colaboração, em participação, em integração. O afastamento do PMDB do governo, ou do governo do PMDB, colocariam em risco, não apenas o partido, mas a estabilidade da transição democrática".

Nos contatos que alguns daqueles constituintes têm mantido com o presidente da República fica a impressão de que, embora

tenso e preocupado, ele não está pessimista. "Sarney pede paciência, falando que as dificuldades, embora enormes, poderão ser superadas", relatam.

O chefe do governo está ciente do trabalho que está sendo desenvolvido no PMDB, pelo entrosamento entre os mais diversos setores da área sócio-econômica e integração governo-PMDB. Sempre que surge a oportunidade, o presidente agradece a cada um pela "valiosa colaboração".

Nos últimos dias os mesmos parlamentares estão se preocupando com um fato novo: a escolha do líder do governo na Câmara, sem a mesma indicação para o Senado. Para eles o presidente, se deixar como líder do governo o líder eleito da bancada, senador Fernando Henrique Cardoso, estará dando uma prova expressa de desconfiança em toda a bancada de deputados do PMDB. Na bancada da Câmara o presidente indicou Carlos Sant'Anna para líder do governo (e da maioria), 48 horas antes de a bancada eleger seu próprio líder.

Aos que o advertiram, Sarney, procurando esclarecer, disse que não tinha quaisquer restrições aos três candidatos a líder do PMDB na Câmara — Luiz Henrique, Milton Reis e João Hermann. Ciente de que seria vencedor o deputado Luiz Henrique, o presidente comentou: "Gosto dele, mas não temos maior relacionamento. Não há maior identidade".